

“SOMOS HIJAS
LEGÍTIMAS DE
LA PENÍNSULA
IBÉRICA”:
QUANDO AS
IDENTIDADES SÃO
CONCEBIDAS (1892)

[DOSSIÊ]

Thaís Mendes Moura Carneiro
Universidade de São Paulo

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

O objetivo deste artigo é analisar a jornada da viajante colombiana Soledad Acosta de Samper como convidada das ditas “comemorações” do IV Centenário de Conquista da América, empreendidas pela Coroa Espanhola, em 1892, em meio a uma defesa de discursos que se sobrepõem, hispano-americanista e de um nacionalismo colombiano. A partir da obra *Viaje a España* (1892), lançamos mão do aporte teórico da História Intelectual, História das Relações de Gênero e os mecanismos relacionados ao *travel writing*, que permitem uma produção intelectual híbrida, marcada por meandros da ficção e não ficção.

Palavras-chave: História das relações de gênero. Relatos de viagem. Escritas de si.

“SOMOS HIJAS LEGÍTIMAS DE LA PENÍNSULA IBÉRICA”: WHEN IDENTITIES ARE CONCEIVED

This study aims to analyze the journey of Colombian traveler Soledad Acosta de Samper as a guest at the “celebrations” of the IV Centenary of the Conquest of America undertaken by the Spanish Crown in 1892, amidst a defense of overlapping discourses, Spanish-Americanism, and Colombian nationalism. From the work *Viaje a España* (1892), we use the theoretical contribution of Intellectual History, History of Gender Relations, and the mechanisms related to travel writing, which enable a hybrid intellectual production, marked by intricacies of fiction and non-fiction.

Keywords: History of gender relations. Travel writing. Self-writing.

El objetivo de este artículo es analizar el viaje de la viajera colombiana Soledad Acosta de Samper, como invitada a las pequeñas “celebraciones” del IV Centenario de la Conquista de América, celebradas en la Corona española, en 1892, en medio de una defensa de discursos superpuestos, del nacionalismo hispanoamericano y colombiano. A partir de la obra *Viaje a España* (1892), lanzamos nuestro aporte teórico a la Historia Intelectual, la Historia de las Relaciones de Género y los mecanismos relacionados con la escritura de viajes, que permiten una producción intelectual híbrida, marcada por entresijos de ficción y no ficción.

Palabras-clave: Historia de las relaciones de género. Informes de viaje. Autoescritura.

Introdução

Ao nos debruçarmos sobre os relatos de viagem da escritora colombiana Soledad Acosta de Samper, compilados em *Viaje a España*, publicados em 1893 e 1894, devemos levar em consideração que o gênero literário já havia sido adotado pela autora em outros contextos. Por conta de suas constantes viagens, ora devido às mudanças de seus pais, ora para acompanhar a carreira do marido (o literato e diplomata José María Samper), e também por lazer, a autora produziu interessantes publicações. Entre esses registros, destacamos relatos como "Peregrinaciones en Francia" (1861-1874) e "Recuerdos de Suiza" (1862), posteriormente publicados em sua revista quinzenal *La Mujer* (1879-1881). Isto posto, em seus escritos, a colombiana construiu uma narrativa a partir do que percebeu sobre essas experiências de viagem.

Levanta-se algumas questões neste artigo, tendo como eixo a obra em que a escritora, durante sua jornada de dois meses e meio pela Espanha, conta ao leitor sobre os bastidores de sua participação em congressos que integraram as comemorações do IV Centenário da Conquista da América, além de suas atividades de lazer em cidades como Santiago de Compostela, Granada e Sevilha.

Afinal, qual é a percepção de Acosta de Samper sobre a nação espanhola a partir de sua experiência como mulher viajante? Qual é sua opinião sobre a sociedade espanhola? Ela estabelece comparações com sua terra natal? Buscamos responder a esses questionamentos neste artigo. Sendo assim, tomamos por hipótese o entendimento de

que Soledad Acosta de Samper defende uma postura hispano-americanista, afastando-se, em certos termos, do eurocentrismo em voga. Para tanto, a autora se valeu do discurso de civilização e barbárie como metáfora para o atraso e o progresso, porém, invertendo-o. Se, em geral, ele foi usado para valorizar os países europeus e diminuir os latino-americanos, aqui ela deslocou a Espanha do posto de nação europeia civilizada, reforçando sua adesão ao hispanismo.

Porém, estabelece-se a ressalva de que, por mais que a autora colombiana criticasse o eurocentrismo, muitas de suas falas operam pela própria lógica que criticou. Isto posto, Acosta de Samper exerceu uma inversão parcial dessa dicotomia, pois seu discurso foi pautado em uma série de ambiguidades, como será demonstrado.

A fim de sustentar a hipótese deste artigo, o texto começa situando a Espanha no contexto europeu e a forma com que os viajantes construíram um imaginário sobre esse território e sua cultura. Segue-se, então, elencando passagens que nos auxiliam a compreender a defesa de uma identidade hispano-americana por parte de Soledad, em que se nota a sobreposição da defesa de duas frentes: o hispano-americanismo e o nacionalismo colombiano. Assim, devemos atentar para a adoção do termo "América Latina" na construção de uma identidade subcontinental, que surge nos escritos do chileno Francisco Bilbao, em 1850, em sua obra *El peligro norteamericano*. Na terceira seção deste artigo, damos continuidade à discussão, traçando diálogos com seus contemporâneos, que também estiveram engajados em discursos de identidade, buscando entender as razões pelas quais a autora defendeu o hispano-americanismo. Tomamos aqui,

como ponto de partida, a nossa hipótese de que o contexto de formação de identidade hispano-americana, no qual muitos intelectuais e literatos estavam envolvidos, a ponto de posteriormente serem categorizados como "Geração de 98", foi elemento importante para a consolidação do hispano-americanismo para Acosta de Samper. Por fim, refletimos sobre as ressalvas trazidas por Soledad em seu discurso hispano-americanista, apontando ao leitor quais aspectos a fazia admirar a Espanha e, paralelamente, quais a decepcionam tanto na Colômbia quanto na América, bem como a razão pela qual expôs essas ressalvas.

A Espanha romântica de Soledad e de outros viajantes

A escritora colombiana demonstra uma necessidade de se afirmar enquanto viajante, em um contexto no qual as viagens começam a se popularizar por questões de prazer e lazer. Se esse turismo de massa lhe incomoda, os viajantes precursores que encabeçavam os chamados "Grand Tours", a partir do século XVIII, lhe interessam. Sónia Serrano, em seu livro *Mulheres Viajantes*, levanta uma diferenciação interessante que dialoga com esse incômodo de Acosta de Samper, "cada explorador, viajante e turista realiza efetivamente uma viagem, mas enquanto o explorador buscava o desconhecido, o viajante procura o que já foi descoberto pela história e o turista aquilo que foi descoberto pela indústria e especialmente preparado pela publicidade" (Serrano, 2014, p. 24). Sendo assim, a ideia de ser uma viajante legítima é cara, para Soledad,

como uma força para legitimar seu interesse e suas buscas pelo mundo, justificando-os com embasamento científico.

Como coloca Valéria Salgueiro, em seu artigo "Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura" (2002), os primeiros fluxos de viagens do século XVIII por puro prazer, precursores dos movimentos de turismo cultural e de lazer que vemos hoje, eram organizados sob a égide da categoria do Grand Tour. Esse movimento veio como um grande divisor de águas, pois trouxe uma conotação de viagens em busca de deleite e emoção, aprimoramento pessoal e apreciação estética. O Tratado de Paz de Utrecht, em 1715, contribuiu para esse processo, pondo fim aos conflitos sobre a sucessão do trono espanhol, que envolveu outras nações europeias. Por conseguinte, há um objetivo a ser perseguido no Grand Tour, "ampliar o conhecimento sobre a história a arte dos antigos, um hábito aristocrático altamente em moda, pressupunha a elaboração de um diário de viagem, e, se possível, a ilustração dos monumentos observados" (Salgueiro, 2002, p. 10). Em meio à construção de registros pessoais, a busca pela publicização de suas aventuras torna-se uma incumbência. A viagem se constrói, dessa forma, como uma busca por inspiração e uma espécie de aprendizado moral, invertendo a lógica do ócio como algo negativo e tornando-o uma virtude, ao passo que lhe atribui uma funcionalidade (Carrera, 2006).

O prazer encontra-se ligado a novos horizontes físicos e culturais. Em paralelo, elas

começaram a acontecer em escala crescente exatamente quando o centro irradiador do desenvolvimento

capitalista – a Europa – acelerou seu curso de desenvolvimento baseado na indústria e na racionalização do trabalho, ao qual estiveram sempre ligados os conceitos de tempo livre e de ócio, em oposição ao tempo do trabalho (Salgueiro, 2002, p. 2).

Dessa maneira, as viagens de prazer, aristocráticas por natureza, acabam ligadas ao que buscam se opor: o mundo do trabalho. O *grand tourist* é um novo tipo de viajante que surge no século XVIII, em meio às transformações do Iluminismo e da Revolução Industrial na Europa Ocidental. Ele tem como diferencial dispor de tempo e recursos financeiros para viajar por puro prazer e amor à cultura. É com essa categoria que Soledad se identifica, ela quer ser considerada uma grande viajante, não apenas uma passante de turismo de massa.

É importante pensar que a nossa viajante lança seu olhar sobre o passado, sobre esses viajantes com os quais teve contato por meio de seus escritos, mas que percorreram a Europa do século XVIII, enquanto ela vivenciava outra Europa, a do final do século XIX. Esse grupo de viajantes, por sua vez, volta-se ao passado, e sua apreciação estética é tamanha sob as ruínas como sinais visíveis de outrora que o entusiasmo chega a produzir intencionalmente essas ruínas em fachadas de prédios e jardins, como coloca Valéria Salgueiro. O ato de viajar adquire um caráter educativo, à medida em que o próprio planejamento permite o início da experiência de viagem. De acordo com Elena Carrera,

a experiência da viagem não se inicia noutro país, mas no próprio país, com os estereótipos, preconceitos e locais comuns que ajudam a planejá-lo e poderíamos dizer que especialmente no caso

destas mulheres vitorianas, ao fazer referência a clichês e lugares comuns sobre a Espanha, derivados de leituras lhes permitiam demonstrar conhecimentos e participar na tradição cultural escrita, que não era fácil de acessar (Carrera, 2006, p. 122, tradução própria)¹.

Nesse sentido, as pesquisas para o planejamento de viagem permitiam não só o início desta no sentido de refletir sobre as práticas culturais de outro país, como também a construção de um repertório para as mulheres viajantes, que necessitavam da experiência vivida para desenvolverem autoridade sobre sua própria fala, diferentemente da jornada masculina, que trazia mais as opiniões do próprio "homem de letras" a partir de alguns estudos.

O início do século XIX foi permeado na literatura de viagem por uma visão da Espanha povoada por um imaginário romântico, que a aproximava de releituras da Idade Média espanhola, das desventuras de Dom Quixote e de uma busca pela cigana Esmeralda da obra *Corcunda de Notre Dame*, a partir das experiências dos ciganos ao sul do país. Tal imaginário é mais acentuado pelos viajantes na região da Andaluzia, que sofre uma orientalização por parte de escritos que refletem uma leitura imperialista, na qual as perspectivas do fantástico e do exótico são reforçadas.

1 No original: "la experiencia del viaje no se inicia en otro país sino en el propio, con los estereotipos, prejuicios y lugares comunes que ayudan a planearlo y podríamos decir que especialmente en el caso de estas mujeres victorianas el hacer referència a clichés y lugares comunes sobre España derivados de lecturas les permitía demostrar conocimientos y participar en la tradición cultural escrita, a lo que no era fácil acceder".

A Espanha exerceu um poderoso apelo à imaginação romântica. Apesar de estar mergulhado num profundo atraso econômico e cultural, este território oferecia aos viajantes pós-ilustrados o exótico de um passado oriental, medieval e imperial. Uma viagem à Espanha significava não só entrar num percurso geográfico, mas também, do ponto de vista figurativo, deslocar-se através dos diferentes períodos culturais e históricos do país, tais como a dominação árabe e a reconquista cristã, O Século de Ouro e as recentes guerras peninsulares, épocas e incidentes todos eles de grande fascínio tanto para os norte-americanos como para os europeus (Cifra-Adroher apud Ferrús-Antón, 2011, p. 83, tradução própria)².

Isto posto, entendia-se que a Espanha resistiria à modernidade, permanecendo como

espaço de vestígios do passado em meio ao continente europeu. O que seria um elemento atrativo para os viajantes. Por outro lado, está em jogo a ideia de que essa Espanha arcaica não soube aproveitar seu passado colonial, tornando-se alheia a seu "esplendor cultural", como coloca o argentino Domingos Sarmiento: "Destino estranho que parece ter sido governado

em todos os tempos a Espanha, que não consiste em andar a reboque das outras nações, mas fora de tempo, dando as doze quando todos os relógios marcam as cinco e vice-versa" (Sarmiento apud Ferrús-Antón, 2011, p. 85, tradução própria)³. Essa perspectiva de uma "historia a destiempo", na qual o tempo caminha no sentido inverso, reforça a noção de uma Espanha como um espaço de atraso em oposição ao progresso, em diálogo com a dicotomia civilização e barbárie, conceitos estes trazidos pelo próprio Sarmiento em sua obra *Facundo*, que aqui trazemos de modo metafórico.

Os próprios viajantes construíram uma imagem da Espanha como um universo poético, literário e imagético. De acordo com Richard Ford, "[...] aqueles que aspiram ao romântico, ao poético, ao sentimental, ao antiquário, ao clássico, enfim, a qualquer um dos versos sublimes e belos, encontrarão tanto no estado passado como no presente da Espanha assunto suficiente" (apud Durand, 2005, p. 58, tradução própria)⁴. Tal subjetivação da Espanha nos permite lançar olhar para uma imagem feminina do país, que, para Ford, seria um terreno exótico, orientalista e feminino. Essa perspectiva se constrói a partir do país como uma incógnita, uma terra virgem a ser apropriada e explorada.

² No original: "España ejerció un poderoso atractivo para la imaginación romántica. A pesar de hallarse sumido en un profundo atraso económico y cultural, este territorio ofrecía a los viajeros post-ilustrados lo exótico de un pasado oriental, medieval e imperial. Un viaje a España no sólo significaba adentrarse en un recorrido geográfico sino también, desde el punto de vista figurativo, desplazarse a través de los diferentes períodos culturales e históricos del país, tales como la dominación árabe y la reconquista cristiana, el Siglo de Oro y las recientes guerras peninsulares, épocas e incidentes todos ellos de gran fascinación tanto para los norteamericanos como para los europeos".

³ No original: "Destino extraño que parece haber regido en todos los tiempos a la España, que no consiste en andar a remolque de las otras naciones, sino a destiempo, dando las doce cuando todos los relojes marcan las cinco y viceversa".

⁴ No original: "[...] those who aspire to the romantic, the poetical, the sentimental, the antiquarian, the classical, in short, to any of the sublime and beautiful lines, will find both in the past and present state of Spain subject enough".

É necessário observar que a recorrência imagética sobre a Espanha aponta a influência de relatos de viagens anteriores, que corroboram para uma viagem sacralizada, fugindo do espectro de análise individual. Como coloca Esther Durand, "os viajantes românticos se deslocaram à Espanha para viajar ao mesmo tempo no espaço e no tempo, para engolfar-se em um território que os convidava a passear pelo Oriente sem abandonar a Europa e que, ao mesmo tempo, lhes permitia aspirar o ambiente da Idade Média cristã" (Durand, 2005, p. 78, tradução própria)⁵. Diante disso, em uma jornada de viagem ficcionalizada e carregada de estereótipos, Alhambra emerge como a própria metáfora do imbricamento entre o Romantismo e o Orientalismo, articulando percepções entre o belo e o sublime.

A historiadora Edméia Aparecida Ribeiro analisou como a construção imagética da Espanha consta também na coleção *Las Mujeres Españolas, Portuguesas y Americanas*, produzida nos anos 1870, com edição de Don Miguel Guijarro. Publicada em quatro volumes, sua narrativa aborda a Espanha do ponto de vista cultural, fortalecendo o discurso nacional.

De acordo com Ribeiro, na coleção *Las Mujeres Españolas*:

Percebem-se destacadas, nos artigos que referenciam a Espanha, mulheres representadas pelos atributos físicos – beleza, formosura, graça –,

morais – maternidade, educação, altruísmo – e vinculadas ao progresso, honra da família e da pátria. Nas gravuras espanholas, foram litografadas imagens de mulheres comuns, revelando ambientes, lugares, funções, atividades e a singularidade dos trajés femininos (Ribeiro, 2009, p. 83).

Tal construção imagética destoa do discurso reverberado por distintos viajantes, que construíram a imagem da mulher espanhola como desvinculada da imagem do progresso e da honra familiar, narrando-a como imersa em um ambiente exótico e, por vezes, imoral, ao associarem a figura feminina às ciganas, que eram alvo de críticas culturais.

Em meio ao retalho de sonhos e personagens que povoam a Espanha, Soledad Acosta de Samper não destoa dessa visão romântica do país, por mais que seus escritos sejam de fins do século XIX. Suas descrições ao pisar no sul do país, se deparar com Alhambra em uma visita privada com o restaurador do complexo de palácios, ter contato com populações ciganas, são repletas das construções sociais trazidas por viajantes anteriores a ela, às quais nos deteremos a seguir com maior cuidado.

Afinal, a literatura de viagens é recheada de reprodução de códigos de conduta e moral que extrapolam a jornada individual. Em seus comentários e descrições, o viajante traz uma visão específica sobre o lugar visitado impregnada por imagens prévias. Joaquín Barriendos levanta uma tese importante para pensarmos a circulação de saberes e apreciação estética nesse mundo marcado por viagens e viajantes: a colonialidade do ver ou o olhar colonizado, evidenciando como a lógica etnocêntrica constitui os regimes de visualidade. Em diálogo com Aníbal Quijano, o autor coloca que

⁵ No original: "Los viajeros románticos se desplazaron a España para viajar a la vez en el espacio y en el tiempo, para engolfarse en un territorio que les invitaba a pasear por Oriente sin abandonar Europa y que, a la vez, les permitía aspirar el ambiente de la Edad Media cristiana".

Expandindo e extrapolando as argumentações do teórico peruano [...], relativas à necessidade de reconhecer a heterogeneidade do conceito de totalidade, e à urgência de descolonizar os universalismos que gravitam em torno da racionalidade moderna ocidental, este texto adverte para a necessidade de construir um novo acordo visual transmoderno, ao qual se poderia definir como um diálogo visual interepistêmico entre aqueles regimes visuais canonizados pela modernidade eurocentrada e aquelas culturas visuais outras que foram racializadas e hierarquizadas pelo projeto da modernidade/colonialidade (Barriendos, 2011, p. 14, tradução própria)⁶.

Desenvolvendo a questão do chamado diálogo visual interepistêmico, Barriendos coloca como esses regimes visuais racializados participam da invenção do chamado Novo Mundo, produzindo uma série de "imagens-arquivo" a partir do encontro de dois mundos.

Sendo assim, a colonialidade do ver estaria caminhando lado a lado com a matriz da colonialidade, hierarquizando e inferiorizando sujeitos por meio de um regime visual. Para o autor, à colonialidade do ver

6 No original: "expandiendo y extrapolando las argumentaciones del teórico peruano [...], relativas a la necesidad de reconocer la heterogeneidad del concepto de totalidad, y a la urgencia de descolonizar los universalismos que gravitan en torno a la racionalidad moderna occidental, este texto advierte la necesidad de construir un nuevo acuerdo visual transmoderno, al cual se le podría definir como un diálogo visual interepistêmico entre aquellos regímenes visuales canonizados por la modernidad eurocentrada y aquellas culturas visuales otras que han sido racializadas y jerarquizadas por el proyecto de la modernidad/colonialidad".

soma-se a do poder, do ser e saber em prol da construção da modernidade. Opera-se, portanto, em uma matriz histórica de poder, que mobiliza o racismo epistemológico e a atualidade da colonialidade do ver.

Ao nos depararmos com a perspectiva da Espanha como lugar de atraso pelos viajantes, vale uma reflexão sobre as formas de viajar possibilitadas pelo contexto. Acosta de Samper nos conta em *Viaje a España* que faz uso do trem e das diligências para se locomover. Temos os registros de outros viajantes, que se referem às formas de locomoção no país, reforçando a ideia de uma Espanha atrasada. Richard Ford, por sua vez, prefere andar a cavalo, o que aponta não ser adequado para damas e cavalheiros delicados. Porém, aos demais, Ford aconselha a prática como uma espécie de exercício de escola moral. Sendo assim, os meios de transporte utilizados no país tornam-se fonte de anedotas e aventuras, ao que a viajante Louisa Tenison colocou que "[...] os espanhóis suspiram pela ferrovia e outros sinais da civilização do século XIX e deixam que desapareçam de sua terra as pegadas do passado" (Carrera, 2006, p. 118, tradução própria)⁷. Os incômodos com a ausência de traços de modernidade no país não param por aí. A viajante Sophia Dunbar criticou a falta de instalações de água corrente em um hotel de Barcelona no qual estava hospedada com sua família. Outra viajante, Frances Minto Elliot, por sua vez, critica a falta de saneamento básico na cidade de Málaga (Carrera, 2006, p. 117-120).

7 No original: "los españoles suspiran por el ferrocarril y otras señales de la civilización del siglo XIX y dejan que desaparezcan de su tierra las huellas del pasado".

A Espanha como o Outro: a construção de um identidade hispano-americana

Para compreender a narrativa construída por Soledad Acosta de Samper em sua obra *Viaje a España en 1892*, é preciso situar a autora contextualmente como uma literata colombiana que é convidada pela Espanha para as comemorações do quarto centenário de conquista da América. Vale lembrar sua condição de mulher viúva, letrada, burguesa, branca, que aos 59 anos empreendeu essa viagem na companhia de sua filha, Blanca Leonor.

A fim de fundamentar a nossa hipótese de que a escritora critica o discurso eurocentrista, por meio do engajamento em duas frentes de identidade – o hispano-americanismo e o nacionalismo colombiano –, valemo-nos da análise de três discussões presentes em seu diário de viagem: a metáfora da Espanha como uma mulher velha para discutir a concepção de modernidade, a prática da mendicância, da corrupção e a sujeira das cidades visitadas como marcas da “barbárie” espanhola e a mimetização do ser francês como um meio de alcançar o status de civilização.

Começamos por analisar sua chegada à Espanha, quando Acosta de Samper contou uma situação marcada por constrangimento e corrupção. A escritora narrou sua chegada à Espanha movida por percalços na fronteira com a França. Diante do temor de contágio pela epidemia de cólera que se desenvolvia em território francês, Soledad descreveu uma série de procedimentos aos quais foi submetida na aduana espanhola. Dentre eles, exames médicos realizados pela comissão de saúde e higiene aos viajantes e

uma inspeção em suas bagagens. A fim de evitar que os vestidos usados tanto por ela quanto por Blanca ficassem sob o regime de quarentena, a autora resolveu o assunto, “[...] misericórdia de certas moedas que deslizamos entre os dedos de um empregado mais fissura do que o necessário” (Acosta de Samper, 1893, p. 5, tradução própria).⁸ Porém, ela se viu envolta por questionamentos dos funcionários, que, ao observarem as roupas limpas e objetos, começaram a ameaçar a cobrança de mercadorias novas para a entrada. Enfim, segundo Soledad, “[...] amaciaram seu zelo patriótico por idênticos meios de corrupção, finalmente nos permitiram tirar os baús daquele lugar fatídico” (Acosta de Samper, 1893, p. 6, tradução própria).⁹ Seu comentário irônico nos revela uma amostra da rotina do viajante dentro desse contexto. Ela transparece seu incômodo diante das práticas da aduana espanhola, argumentando que sob a fachada de um “zelo patriótico”, os fiscais insistiram em seus procedimentos até que elas cedessem à extorsão e acabassem por pagá-los para que as deixassem passar. Isso já nos aponta a forma como ela teceu sua argumentação de uma Espanha decadente.

Em sua visita à cidade de Bilbao, Soledad descreve os transeuntes burgueses em um domingo da seguinte maneira, em sua obra: “Todos são trabalhadores industriais e carecem daquele caráter inerte e preguiçoso que impede em outras partes que as populações avancem e sigam pelas veredas que

8 No original: “*merced à ciertas monedas que deslizamos entre los dedos de un empleado más fisgón de lo necesario*”.

9 No original: “*ablendado su celo patriótico por idénticos medios de corrupción, al fin nos permitieron hacer sacar los baúles de aquel fatídico lugar*”.

lhes indica a atual civilização". Colocando-os na esteira da dita civilização, a autora complementa, "hoje quem se detém na via do progresso retrógrado e com dificuldade a Espanha, que anda sempre devagar, poderá alcançar as outras nações que lhe tomaram a dianteira" (Acosta de Samper, 1893, p. 31, tradução própria)¹⁰. Isto posto, a Espanha surge nessa reflexão como uma nação marcada pela lentidão de progresso, retomando a interpretação discutida outrora acerca deste Estado fora da concepção totalizante de nação europeia civilizada. Por mais que a nação seja composta de trabalhadores e industriais produtivos, segundo a citação acima da autora, a Espanha "se detém na via do progresso retrógrado e com dificuldade"¹¹. Assim, a escritora aventa a hipótese de que a Espanha alcançaria as demais nações em seu desenvolvimento, por mais que realizasse progressos lentamente. De acordo com Soledad, essa possibilidade a permitiria alcançar o status de civilização das nações vizinhas.

Na esteira do discurso da modernidade, chamaram a atenção da autora os acontecimentos históricos vivenciados na cidade de Burgos, "grandes y notabilísimos", durante a Idade Média e o Renascimento. A fim de afirmar sua perspectiva de uma Espanha atrasada, Soledad faz referência à Idade Média como o auge dessa nação, que sobreviveria de suas glórias passadas.

¹⁰ No original: "todos son trabajadores é industriosos y carecen de aquel carácter inerte y pero que impede en otras partes que las poblaciones adelanten y sigan por las veredas que les señala la actual civilización [...] hoy el que se detiene en la vía del progreso retrógrada y con dificultad España, que anda siempre despacio, podrá alcanzar á las otras naciones que le han tomado la delantera".

¹¹ No original: "se detiene en la vía del progreso retrógrada y con dificultad".

Assim, o adjetivo medieval é colocado como uma marca desse atraso espanhol. A autora destacou que, "[...] entre outros, nos interessou saber que se guardam nos arquivos desta cidade as relações das festas que se fizeram a Cristóvão Colombo a seu retorno da primeira viagem à América, quando chegou ali com uma multidão de índios que levava da 'Espanhola'" (Acosta de Samper, 1893, p. 71, tradução própria)¹². Acosta de Samper, a priori, não nos deu mais informações acerca de sua perspectiva sobre a figura de Colombo. Ademais, a escritora referiu-se à conquista como um processo de "invasão" dos europeus. Por outro lado, certos trechos de seu relato trazem uma valorização do navegador e um tratamento oposto destinado aos indígenas.

A escritora colombiana recorreu com frequência a comparações entre a Idade Média e o Renascimento, estabelecendo uma oposição hierarquizada na qual o movimento renascentista é valorizado como progresso. A Espanha é enxergada aqui dentro de uma lógica medieval:

E o final do século XIX não sai tão bem como o público pensa! Esta época é a da mediocridade; a última foi da perfeição, de uns poucos. Parece como se no mundo não pudesse caber senão certa quantidade de gênio: antigamente este se encarnava em uns poucos cérebros que produziam maravilhas; hoje as facilidades que existem para a instrução de todos tem dado por resultado um desenvolvimento

¹² No original: "entre otros, nos interesó saber que se guardan en los archivos de esta ciudad las relaciones de las fiestas que se hicieron á Cristóbal Colón á su regreso del primer viaje á América, cuando llegó allí con una multitud de indios que llevaba de la Española".

geral de todos os espíritos, e o gênio já não é privilégio de pequeno número de cérebros mas da maioria dos homens, os quais não alcançam receberá senão uma quantidade diluída de faculdades intelectuais (Acosta de Samper, 1894, p. 222, tradução própria)¹³.

Para Soledad, o medievo é entendido como uma época marcada pela mediocridade, na qual poucos se destacaram pela genialidade, diante de um ambiente hostil. Por sua vez, o século XIX foi caracterizado como um tempo fértil para o desenvolvimento dos espíritos, devido à facilidade do acesso à instrução. Apesar disso, poucos homens desenvolveram suas faculdades intelectuais, tornando "esta época es de la mediania". Porém, o que tornaria a época medíocre e hostil? Não só a ausência de cérebros dotados de genialidade, mas a ausência de inovações tecnológicas que permitiram o progresso. O século XIX, de acordo com a autora, "no sale tan bien parado como el vulgo lo piensa", por uma ausência de dedicação desses cérebros em se desenvolverem enquanto sociedade. A ênfase em tratar do período medieval ao pisar na Espanha é uma forma de recuperar os escritos de outros viajantes que pensaram o país a partir do imaginário de Dom Quixote de Miguel de Cervantes.

13 No original: "Y por cierto que el del fin del siglo XIX no sale tan bien parado como el vulgo lo piensa! Esta época es la de la mediania; la pasada fue de la perfección de unos pocos. Parece como si en el mundo no pudiese haber sino cierta cantidad de gênio: antiguamente éste se encarnaba en unos pocos cerebros que producían maravillas; hoy las facilidades que existen para la instrucción de todos ha dado por resultado un desenvolvimiento general de todos los espíritus, y el gênio yá no es privilegio de corto número de cerebros sino de la mayoría de los hombres, los cuales no alcanzan a recibir sino una cantidad deluída de facultades intelectuales".

Acosta de Samper dá continuidade a sua análise da Espanha por meio de uma metáfora, na qual expõe o problema que encontra naquele território, a partir da ideia da nação personificada na figura de uma mulher velha, vestindo roupas rotas. Vejamos:

O novo, o moderno, se encaixa na Espanha como um vestido de dança de ópera sobre o corpo mumificado de uma velha abadessa, de um convento. Se virmos esta com a sua touca, o seu véu e a sua roupa comprida, inclinamo-nos com respeito; mas, se ela se apresentar envolta em gazes e metade vestida, desviamos os olhos com repugnância (Acosta de Samper, 1893, p. 197, tradução própria)¹⁴.

Ao construir a imagem de uma Espanha envelhecida, trajando roupas de luxo para esconder seu corpo mumificado, Soledad lança a compreensão de uma nação perdida em seu passado, símbolo do atraso, estabilizando-se por meio de aparências, como a metáfora já citada "um vestido de dança de ópera sobre o corpo mumificado de uma velha abadessa". Pois, como ela coloca, na ausência de suas vestimentas, a velha abadessa causaria repugnância. O apego ao passado heróico e a falta de uma política nacional que olhe o futuro, valendo-se do discurso do progresso tão em voga no século XIX, são apontados como elementos problemáticos pela escritora. Sendo assim, o novo e o moderno não se encaixavam na

14 No original: "Lo nuevo, lo moderno, cuadra á España como un vestido de baile de la ópera sobre el cuerpo momificado de una vieja Abadesa de un convento. Si vemos á ésta con su toca, su velo y su vestido largo, nos inclinaremos con respeto; pero si se nos presentase envuelta en gasas y á medio vestir, apartaríamos la vista con repugnância".

sociedade espanhola, apegada a sua história. Por outro lado, para Soledad, a modernidade não caberia em território espanhol, sendo essa a incapacidade que fortalecia o imaginário do país.

Diante dessa questão, em sua passagem por Santiago de Compostela, a autora decide

direcionar-se ao leitor mostrando uma escolha de narradora consciente, que já planejava publicar o relato de viagem. Sua reflexão traz à baila novamente a diferenciação entre um Eu

e um Outro, identidades que se constituem concomitantemente, em que a Espanha é tida como o Outro e a Colômbia como o Eu.

Assim, pois as repetimos, nestas lembranças da Espanha o leitor encontrará poucas vezes relatos do moderno que foi enxertado nesse país, quase a seu pesar; não encontrará se não quadros de tudo o mais velho que eu encontrei no repouso de meus antepassados, aqueles que carregaram América e deixaram lá ao tempo de se aposentar. Coisa curiosa! Apesar de ser da mesma raça, pois a parte indígena das Repúblicas sul-americanas não tem influência [...] Enquanto nós, pelo menos na Colômbia, estamos muito mais adiantados, e imitamos a civilização francesa e inglesa, que mantemos as tradições dos mais velhos (Acosta de Samper, 1893, p. 198, tradução própria)¹⁵.

¹⁵ No original: "Así, pues los repetimos, en estos recuerdos de España el lector hallará pocas veces relatos de lo moderno que se ha injertado en ese país, casi á su pesar; no encontrará sino cuadros de todo lo más viejo que he encontrado en el hogar de mis antepasados de que ello que llevaron á América y dejaron allí al

Acosta de Samper trouxe ao leitor a perspectiva de que a Espanha não ocupa o espaço

da modernidade. Classifica a situação como "curiosa" por não encontrar traços culturais de desenvolvimento após a conquista da América. A autora reforçou a ideia da nação espanhola como o oposto do moderno, o lugar de conexão com suas origens e seus antepassados. Isto posto, estabeleceu uma comparação com a Colômbia, sua terra natal, por meio da qual esta empreenderia uma busca por "imitar" o progresso a fim de alcançá-lo. Afinal, a ideia de estarem mais adiantados do que a Espanha seria porque teriam imitado melhor a civilização francesa e inglesa. Essa referência à França e à Inglaterra marca sua compreensão desses dois países como modelos de processo civilizatório e culturais, marcados pelo progresso de sua nação. Portanto, notamos como Soledad inverteu parcialmente a dicotomia civilização versus barbárie em uma narrativa na qual a autora opera dentro dos códigos citados, reforçando uma visão que valoriza a Europa Ocidental como civilizada. Há o receio da influência da secularização democrática empreendida na França e na Inglaterra sobre as repúblicas hispano-americanas, que a escritora entende como uma contaminação moral pelo consumo excessivo de modelos culturais e mercadorias europeias.

tiempo de retirarse. ¡Cosa curiosa! Apesar de ser de la misma raza, pues la parte indígena de las Repúblicas sud-americanas no tiene influencia [...] mientras que nosotros, al menos en Colombia, estamos mucho más adelantados, y hemos imitado más bien la civilización francesa é inglesa, que hemos guardado las tradiciones de nuestros mayores".

Acosta de Samper valoriza a Colômbia como um Estado-nação rumo ao progresso, em processo de civilizar-se por imitar, de certo modo, as práticas das ditas civilizações inglesa e francesa, ainda que mantendo certas tradições espanholas. O uso do verbo "imitar" conota a percepção de que a civilização não é algo inerente à Colômbia, mas que está imersa em um processo para conquistar tal condição. Ao longo de seu diário de viagem, notamos uma constante valorização da Inglaterra e da França como modelos sociais e culturais, materializações do progresso.

Para aprofundarmos a compreensão de Soledad sobre a Espanha como lugar de atraso, tomamos os exemplos da mendicância e da sujeira relatadas em sua visita à cidade de Santiago de Compostela. A autora descreveu um incômodo com os costumes locais e problemas sociais na cidade, que, segundo ela, chocaram os viajantes.

Mas há em Santiago costumes que chocam o estrangeiro e que danificam os formosos monumentos artísticos que ali se encontram, e a espessa camada de pó que tudo cobre, o lixo e imundície que impede passagem, o hábito arraigado de não varrer jamais, e a multidão de mendigos, que são ainda mais numerosos do que em Castelas. Estes assediam o viajante a cada passo, o interrompem, o importunam, o assediam, o interpelam, o apertam, lhe estendem as mãos, lhe dão vozes e se interpõem entre ele e cada objeto que quer contemplar; o seguem e o rodeiam, o chamam por toda parte, será apresentado ao redor de cada esquina, impedir-lhe a entrada das igrejas e tirar-lhe o prazer que lhe faz percorrer aquela

curiosíssima cidade (Acosta de Samper, 1893, p. 154, tradução própria)¹⁶.

Acosta de Samper destacou a sujeira encontrada na cidade, que enfeiava os monumentos históricos e artísticos, devido à falta de recolhimento do lixo e de varrimento das ruas. Outro ponto de incômodo é a multidão de pessoas em situação de rua que assediavam os transeuntes, interpelando-os e pedindo doações. O recurso de comparação é feito em relação a uma região mais castiça da Espanha, "las Castillas", correspondendo a Castilha La Mancha e Castilla La Vieja, ambas como símbolo da hispanidade. Os momentos de assédio pela rua lhe tiram o prazer de percorrer a cidade e de investigá-la enquanto viajante.

O incômodo da autora é tamanho que Soledad dedicou um capítulo de *Viaje a España* a discutir a mendicância e a preguiça em território espanhol, ao que argumentou que encontrou por todos os lados instituições de caridade destinadas a idosos, mendigos e mulheres pobres. Porém, mesmo com a existência desses institutos, a autora colocou que havia uma multidão de pedintes nas portas das igrejas e nas ruas,

¹⁶ No original: "Pero hay en Santiago costumbres que chocan al extranjero y que afean los hermosos monumentos artísticos que allí se encuentran, y es la espesa capa de polvo que todo lo cubre, la basura e inmundicia que impide paso, el hábito arraigado de no barrer jamás, y la multitud de mendigos, que son más numerosos aún que en las Castillas. Estos asaltan al viajero á cada paso, le interrumpen, le importunan, le asedian, le interpelan, le apremian, le tienden las manos, le dan voces y se interponen entre él y cada objeto que quiere contemplar; le siguen y rodean, le llaman por todas partes, se presentan á la vuelta de cada esquina, le impiden la entrada de las iglesias y le quitan el placer que le causa recorrer aquella curiosísima ciudad".

dependentes da caridade popular. Isso frustra suas expectativas, tal como expressa nesta passagem: "[...] nos disseram, aqui a vida é barata, o trabalho bem remunerado, o clima saudável e pouquíssimas as doenças epidêmicas; por que, pois, se encontra por toda parte esta turba de ociosos e mendigos?" (Acosta de Samper, 1893, p. 200, tradução própria)¹⁷. Ela nos descreveu um país dos sonhos, uma sociedade ideal, que é vendida dessa forma pelos próprios espanhóis. Ao levantar a questão de que o discurso não se traduz em realidade, fala em "ociosos" percorrendo as ruas e vivendo dependentes de caridade. Por que separar mendigos de ociosos? A autora complementou que

A preguiça, a inação... esta é a chaga oculta de que todos sofrem na Espanha, mais velhos e mais novos, ilustrados e ignorantes. A preguiça inveterada, deixar tudo para o dia seguinte, a informalidade, o desperdiçar o tempo como se a vida fosse interminável: isto é o que forma os costumes, com poucas exceções, de todas as hierarquias sociais. E quem o poderá remediar? Ninguém. Há nos hábitos da Espanha uma liberdade ilimitada que não pode restringir os governantes com a melhor vontade do mundo. A polícia, melhor organizada, tem que cruzar os braços e permitir que as ruas e as praças estejam povoadas de mendigos, de ociosos que não querem trabalhar; de doentes que preferem pedir a caridade nos portais, ao invés de ir um hospital" (Acosta de Samper, 1893, p. 201, tradução própria)¹⁸.

¹⁷ No original: "[...] nos dijeron, aquí la vida es barata, el trabajo bien remunerado, el clima sano y poquísimas las enfermedades epidémicas; por qué, pues, se encuentra por todas partes esta turba de ociosos y mendigos?"

¹⁸ No original: "La pereza, la inacción... ésta es la llaga oculta de que sufren en España todos, grandes

Sendo assim, sua crítica reside na ideia de que a prática da mendicância, tanto por pessoas em situação de rua quanto por doentes, estava associada à preguiça, que os deixava em um estado inerte, à espera de boas ações. Mais do que esses grupos sociais, Soledad pontuou que todos sofrem com uma espécie de preguiça estrutural, propiciada pela liberdade ilimitada, que seria concedida pelos governantes, impedindo até mesmo o trabalho dos policiais. Como uma "chaga", a preguiça faria parte desse corpo-nação. Tal prática não condizia com o ideal de civilização partilhado naquele contexto social, apontando para as falhas inerentes à Espanha.

Tal reflexão não se restringe a uma visão de Acosta de Samper, faz parte de outros relatos de viagem que se dedicam a analisar a Espanha, trazendo consigo uma narrativa de determinismo histórico e racial, que "[...] provoca o aparecimento de outro dos traços determinantes da idiosincrasia andaluza, da preguiça e da indolência" (Fernández Navarro, 2001, p. 271, tradução própria)¹⁹. Reflexões sobre a preguiça espanhola surgem nos escritos de Richard Ford, F. Herán, J. de Brinckman, Merimée, entre outros.

y pequeños, ilustrados é ignorantes. La pereza inveterada, el dejarlo todo para el día siguiente, la informalidad, el desperdiciar el tiempo como si la vida fuese interminable: esto es lo que forma las costumbres, con pocas excepciones, de todas las jerarquías sociales. Y quién lo podrá remediar? Nadie. Hay en los hábitos de España una libertad ilimitada que no pueden restringir los gobernantes con la mejor voluntad del mundo. La policía, mejor organizada, tiene que cruzarse de brazos y permitir que las calles y las plazas estén pobladas de mendigos, de ociosos que no quieren trabajar; de enfermos que prefieren pedir la caridad en los portales, más bien que acogerse a un hospital".

¹⁹ No original: "provoca la aparición de otro de los rasgos determinantes de la idiosincrasia andaluza, la pereza y la indolencia".

Em outro momento, a escritora colombiana interpela um "caballero español en Madrid" sobre a aplicação das leis para impedir esse fluxo de pessoas. A esse respeito, ela questiona: "[...] mas não há leis para que os transeuntes gozem também de liberdade de mover-se a suas custas?" (Acosta de Samper, 1893, p. 202, tradução própria)²⁰. Ao que ele responde que, apesar de haver leis, elas não se cumpriam. A própria reflexão de Soledad está alinhada a sua moral católica. O seu incômodo reside no fato de que os mendigos não estão submetidos à caridade nem institucional católica nem da Coroa espanhola, gozando de autonomia e desamparo que são compreendidos como retratos de um desvio da ordem.

Não há em seu discurso menção à necessidade da prática de caridade, mas ela colocou que os mendicantes seriam tão preguiçosos a ponto de não buscarem as instituições sociais que poderiam lhes assistir. Ela hierarquizou esses indivíduos como distintos dela, inferiorizados. Tal visão corrobora uma perspectiva desses indivíduos dentro da lógica da barbárie.

Considerações finais

Em *Viaje a España*, Acosta de Samper seleciona elementos da cultura espanhola que marcam sua tradição, os quais valoriza na construção da modernidade da Colômbia. Perante as contestações de Soledad sobre a Espanha, apontando ressalvas para seu lugar

²⁰ No original: "pero no hay leyes para que los transeúntes gocen también de libertad de moverse a sus anchas?".

de atraso, à margem dos países europeus, celebrados pela modernidade como França e Inglaterra, notamos seu esforço em atenuar as críticas feitas ao país. Seria uma afirmação rasa determinar que a moderação em seu discurso tenha sido tão somente pela viagem à Espanha ter sido realizada a convite da Coroa espanhola. Levantamos como hipótese a compreensão de que o exercício de negar a Espanha, no limite, acabaria por ser uma rejeição da própria Colômbia e de suas "irmãs" hispano-americanas. Isto posto, uma crítica ferrenha à Espanha representaria a própria contradição de seu discurso americanista. Afinal, o que restaria a ser defendido? O que poderia ser valorizado em território americano? Há um jogo discursivo de defesa de si a partir do momento em que as críticas à Espanha sofrem ressalvas.

Sua forma de enxergar o mundo, encontrando modelos nacionais e sociais a serem seguidos e dialogando com eles, se deveu muito a sua circulação entre mundos, como a Colômbia, Espanha e França, em suas viagens. A trajetória de Acosta de Samper nos permitiu levantar a questão da circulação de ideias. Entre o local e o global, o conhecimento se estrutura em rede ao lado dos lugares do saber. Como coloca Ricardo Salvatore (2007, p. 16-17, tradução própria):

É que as relações entre contextos locais e fluxos transnacionais de saberes não eram totalmente explicitadas no momento do 'encontro' entre locais e visitantes. Tratava-se antes de um conjunto de situações que envolviam atividades e dispositivos muito variados: da tradução para as agências culturais dos impérios; das peregrinações acadêmicas de jovens cientistas ao uso dos desenhos coloniais

ou terceiro-mundistas; de contestações de humanistas locais ao intelectual europeu à circulação de representações geográficas e de fósseis²¹.

A circulação de ideias, segundo Salvatore, materializa-se mais em situações do cotidiano que em discursos escritos ou orais. Os encontros culturais permitem essa profusão de conhecimentos. Além de pensar a questão da circulação de saberes, para se entender os relatos de viagem, diante dos limites da representação, deve-se lançar mão de uma abordagem multidisciplinar (Borm, 2004). Os relatos de viagem captam elementos do cotidiano para além da experiência em si, apontando formas de representá-las. Eles acabam por se afastar da norma e trazer olhares distintos sobre as relações sociais e a possibilidade de enxergar desigualdades (Hoper; Youngs, 2004).

Nesse campo, o relato de viagem feminino é enquadrado como uma categoria fluida, que ultrapassa definições, dialogando com campos distintos, como a produção de memória e a ficção. Apesar de partirmos da premissa de que se trata de um material produzido em primeira pessoa, factual, sobre a jornada pela qual a autora passou. Além das fronteiras borradas da categoria, temos o jogo de forças e poderes em volta

da questão do papel da mulher enquanto escritora e sujeito histórico. Soledad Acosta de Samper é um exemplo desse campo fluido da escrita que perpassa a experiência pessoal em forma de relato em conjunto com informações históricas dos lugares por onde passa, legitimadas pela citação de historiadores e estudiosos. Por outro lado, ela borra as fronteiras de gênero ao atuar em espaços tidos como masculinos, reiterando, por outro lado, sua função social como mulher.

Enfim, este artigo teve como objetivo compreender o discurso americanista de Acosta de Samper, mediante o desenvolvimento de um nacionalismo colombiano, paralelamente à configuração da identidade hispano-americana. Procuramos explorar o fato de a escritora levantar a bandeira do americanismo como uma estratégia de defesa de seu trabalho intelectual e por uma necessidade de situar-se no mundo das letras. Diante do reconhecimento de sua trajetória na esfera pública, a adesão a esse discurso, que já se delineava em seu diário íntimo na juventude, ao narrar as guerras civis na Colômbia, foi um elemento importante na consolidação de si como colombiana. ■

[THAÍS MENDES MOURA CARNEIRO]

Doutoranda e mestra em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Membro do Laboratório de Pesquisa de História da América da USP (LEHA) e do Grupo de Pesquisa em História e Gênero da mesma universidade (GRUPEGH). Criadora do projeto Mulheres Viajantes, pesquisa a história das relações de gênero e mulheres viajantes, no século XIX, em contexto latino-americano, numa perspectiva de história intelectual.
E-mail: thais.carneiro@usp.br

²¹ No original: "Es que las relaciones entre contextos locales y flujos transnacionales de saberes no resultaban totalmente explicitadas en el momento del "encuentro" entre locales y visitantes. Se trataba más bien de un conjunto de situaciones que involucraban actividades y dispositivos muy variados: de la traducción a las agencias culturales de los imperios; de los peregrinajes académicos de jóvenes científicos al uso de los diseños coloniales o tercer-mundistas; de impugnaciones de humanistas locales al intelectual europeo a la circulación de representaciones geográficas y de fósiles".

Referências

ACOSTA DE SAMPER, Soledad. **Viaje a España en 1892**. Bogotá: Imprenta Antonio María Silvestre, 1893. v. 1.

ACOSTA DE SAMPER, Soledad. **Viaje a España en 1892**. Bogotá: Imprenta de Antonio María Silvestre, 1894. v. 2.

BARRIENDOS, Joaquín. La colonialidad del ver. Hacia un nuevo diálogo visual interepistémico. **Nómadas**, Bogota, n. 35, p. 13-29, 2011.

BORM, Jan. Defining travel: On the travel book, travel writing, and terminology. In: HOPER, Glenn; YOUNGS, Tim (org.). **Perspectives on travel writing**. London: Routledge, 2004.

CARRERA, Elena. Escritura femenina y literatura de viajes: viajeras inglesas en la España del XIX, lugares comunes y visiones particulares. In: LUCENA GIRALDO, Manuel; PIMENTEL, Juan (org.). **Diez estudios sobre literatura de viajes**. Madrid: Instituto de Lengua Española; Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2006. p. 109-130

FERRÚS-ANTÓN, Beatriz. **Mujer y literatura de viajes en el siglo XIX**: entre España y las Américas. Valencia: Biblioteca Javier Coy d'estudis nord-americans, Universitat de Valencia, 2011.

DURAND, Esther. La España de los viajeros (1755-1846): imágenes reales, literaturizadas, soñadas. In: TOBAR, Leonardo Romero; ELDUAYEN, Patricia Almarcegui (org.). **Los libros de viaje**: realidad vivida y género literario. Madrid: Universidad Internacional de Andalucía; AKAL, 2005.

FERNÁNDEZ NAVARRO, Antonio. **Sevilla, Teatro de los sueños**: reflejo de la ciudad en los textos de viajeros franceses del siglo XIX. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2001.

HOPER, Glenn; YOUNGS, Tim. Introduction. In: HOPER, Glenn; YOUNGS, Tim (org.). **Perspectives on travel writing**. London: Routledge, 2004.

RIBEIRO, Edmeia Aparecida. Las mujeres españolas, portuguesas y americanas em sua historicidade. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 5, p. 89-106, 2009.

SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 289-310, 2002. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882002000200003>

SALVATORE, Ricardo D. (org.). **Los lugares del saber**: contextos locales y redes transnacionales en la formación del conocimiento moderno. Buenos Aires: Beatriz Viterbo Editora, 2007.

SERRANO, Sónia. **Mulheres viajantes**. Lisboa: Tinta da China, 2014.